



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS: VALENÇA DO PIAUÍ
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

IZABEL CRISTINA OLIVEIRA ANDRADE

**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E SUAS INTERVENÇÕES PARA ALUNOS
COM DISLEXIA**

VALENÇA DO PIAUÍ - PI

2023

IZABEL CRISTINA OLIVEIRA ANDRADE

**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E SUAS INTERVENÇÕES PARA ALUNOS
COM DISLEXIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Especialização em Educação e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Valença do Piauí.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Evânia Carvalho dos Santos.

VALENÇA DO PIAUÍ - PI

2023

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E SUAS INTERVENÇÕES PARA ALUNOS COM DISLEXIA

Izabel Cristina Oliveira Andrade¹
Evânia Carvalho dos Santos²

RESUMO

A Dislexia é um distúrbio de aprendizagem, sendo que seu principal sintoma é a dificuldade para ler e/ou escrever, impedindo a aprendizagem, portanto, torna-se importante saber o que é dislexia, onde ocorre, os tipos, quais os conceitos no processo de aprendizagem. O estudo tem como objetivo investigar as estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dislexia. O estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica. Compreende-se que a educação inclusiva hoje já não é vista mais como entrave nas escolas e como uma exclusão de pessoas especiais, hoje passa a ter um olhar mais específico e diretivo, o qual não existe como anteriormente, esse passa por uma visão mais valorativa, possui um aspecto mais diferenciado sobre o qual, as leis, estratégias de ensino e algumas formações fazem com que mude essa realidade.

Palavras chaves: Aprendizagem; Dislexia; Transtorno.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder, and its main symptom is difficulty reading and/or writing, preventing learning, so it is important to know what dyslexia is, where it occurs, the types, what the concepts are in the learning process. The study aims to investigate teaching strategies for the development of learning in students with dyslexia. The study will be developed through bibliographical research. It is understood that inclusive education today is no longer seen as an obstacle in schools and as an exclusion of special people, today it has a more specific and directive look, which does not exist as before, it goes through a more evaluative vision, it has a more differentiated aspect on which, the laws, teaching strategies and some training make this reality change.

Keywords: Learning; Dyslexia; Disorder.

¹ Acadêmica do Curso de Pós Graduação em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal do Piauí IFPI. E-mail. professoraizabelcristina1987@gmail.com

² Evânia Carvalho dos Santos. Orientadora do Curso de Pós Graduação em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal do Piauí IFPI.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dislexia, e objetivos específicos abordar os principais conceitos relativos à dislexia; verificar como a dislexia interfere no processo ensino-aprendizagem. Compreender a dislexia e suas características gerais.

O estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e o aporte teórico foi fundamentado em os principais autores utilizados no estudo foram: Vieira (2009), Bergamini (2014) e Petrossi (2014). Assim, a questão norteadora do estudo é como trabalhar as dificuldades de aprendizagem de estudantes com dislexia no ensino regular? Para tal, sendo colocado como hipótese que o acompanhamento psicopedagógico é fundamental para que o aluno com dislexia seja respeitado diante do direito assegurado à educação, sendo essa uma forma de assegurar o desenvolvimento psicossocial desses, de tal maneira, a atuação da psicologia diante desses indivíduos é essencial para a ressignificação do processo de aprendizagem e inclusão escolar e social de disléxicos.

A dislexia é entendida, conforme cita Rodrigues e Ciasca (2016), como um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica. Ela pode acometer pessoas de todas as origens e níveis intelectuais, sendo caracterizada por uma dificuldade na precisão e no reconhecimento de palavras, além de baixa capacidade de decodificação e de soletração. Essas dificuldades são resultado de um déficit no processamento fonológico, geralmente bem abaixado esperado se relacionado com outras habilidades cognitivas. Algumas consequências secundárias desse transtorno compreendem problemas na compreensão e baixa experiência de leitura.

Silva e Silva (2016) compreendem que discutir o problema da dislexia constitui um dos entraves mais proeminentes no cotidiano do âmbito escolar, ficando expresso o comprometimento da capacidade da criança em ler, entender e soletrar palavras, escrever e compreender textos e raciocínio lógico. Entende-se que para que haja uma definição de estratégias e de intervenção por parte dos profissionais da escola, é importante realizar um diagnóstico e avaliação da dislexia e, a partir de dados específicos, poderá ser dado um encaminhamento nas atividades apoiadas com ênfase na leitura e na escrita.

E por essa finalidade a escolha pelo presente tema justifica-se, pelo fato de entender como acontece o processo de inclusão dos alunos com dislexia na escola. Visto que, a maioria das escolas, não tem um profissional para atender esse público, entretanto, esses alunos com dislexia ficam a mercê dos profissionais da educação, ou seja, os professores entendem-se que nem todos tem conhecimento específicos de como lidar com esses alunos. Em virtude disso, é essencial a atuação de profissionais nas escolas como psicopedagogos, psicólogos que utilizem ações para diminuir as dificuldades enfrentadas pelos disléxicos, no contexto vivenciado, as dificuldades no cenário educacional.

Nesse sentido, a pesquisa tem uma contribuição para o conhecimento científico porque espera-se respostas e soluções através do conhecimento científico para que haja uma prática pedagógica de qualidade, que consiga compreender o aluno disléxico e ajuda-lo a se desenvolver da melhor forma possível. Portanto, é tão substancial que se entenda as causas e as características para poder trabalhar a questão em cima disso, procurando soluções e formas pedagógicas eficientes que possam ajudar as crianças a superar esse distúrbio.

Entende-se Entede-se, portanto, que há a necessidade de formação continuada aos professores da educação básica, pois a preocupação da maioria dos educadores que trabalham com a diversidade é como organizar a prática docente e de modo a incluir às crianças com dislexia condições adequadas de aprender. Pois, o trabalho com o aluno disléxico deve ser constante, exigindo um grande esforço de todas as pessoas envolvidas com o mesmo. Esse tratamento adequado fará com que o problema possa ser minimizado favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento desejado.

Compreende-se que quando ocorre baixo desempenho do aluno, ele deve ser encaminhado para uma avaliação psicopedagógica com o objetivo de elucidar sua dificuldade. Neste sentido, ressalta-se a importância do olhar psicopedagógico e de atividades bem planejadas e preparadas

para enfrentar as dificuldades que se identificam a partir da avaliação psicopedagógica.

De acordo com Oliveira (2013), é preciso que a aprendizagem venha no decorrer de cada ano aprimorar o conhecimento do aluno, e para que isto aconteça de forma positiva, é necessário que os educadores, estejam conscientes das dificuldades que alguns de seus alunos possam vir a ter em relação à aprendizagem. Assim, faz-se necessário o apoio do psicopedagogo dentro da instituição escolar, ajudando a família, ao aluno a entender melhor esse distúrbio, e o professor a intervir na situação, decidindo quais procedimentos devem ser adotados para direcionar a criança disléxica.

A presente pesquisa estrutura-se da seguinte forma: primeira seção introdução, segunda seção teorias que detectam as dificuldades de aprendizagem e terceira seção o percurso metodológico apresentado no que se referem à dinamicidade da realização da pesquisa, as análises foram feitas e trabalhadas conforme o objetivo em estudo e conhecimento do assunto quanto à verificação dos resultados, por fim, expõem-se as considerações finais do estudo e referências bibliográficas que finaliza o trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Teorias que detectam as dificuldades de aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem é um problema que afeta muitos alunos e quando essa dificuldade não é identificada pelo educador torna-se um peso na vida escolar do aluno.

No contexto pedagógico, dificuldade de aprendizagem refere-se dificuldade em assimilar e acompanhar os conteúdos é algo passageiro, quando o aluno não consegue absorver o conteúdo que o professor está explicando no momento em sala de aula. Desta forma, conduzir-se-ão ao próprio aprendizado, cabendo ao professor acompanhar o processo e detectar o modo particular de cada um manifestar seu potencial. (Cesário, 2007).

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004) as Dificuldades de Aprendizagem (DAs) podem ser classificadas como generalizadas, quando afetam quase todas as aprendizagens sendo escolares ou não escolares e como graves quando afetam vários e importantes aspectos do desenvolvimento da pessoa nas áreas motoras, linguísticas e cognitivos que geralmente aparecem como consequência uma lesão ou de um dano cerebral manifesto, observável cuja origem pode ter sido adquirida durante o desenvolvimento embrionário ou acidente após o nascimento, ou ainda fruto de uma má formação genética.

De acordo com Gregorenko (2003, p. 29) “Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos”.

Scoz (2002, p. 22) afirma que não há apenas uma única causa para os problemas de aprendizagem “[...] é preciso compreendê-lo a partir de um enfoque multidimensional, que alcance fatores orgânicos, cognitivos, afetivos / sociais”. Por isso a necessidade de vários profissionais em parceria com a família, para avaliar o todo.

Segundo Piaget, (2007), a aprendizagem é um processo de desenvolvimento intelectual, que se dá por meio das estruturas de pensamento e está estritamente relacionada à ação do sujeito sobre o meio, partindo do princípio de interação de Vygotsky, e acontece em etapas: assimilação, acomodação e equilíbrio.

- A assimilação é definida como um mecanismo de incorporação das particularidades, qualidades dos objetos aos esquemas ou estruturas intelectuais que o sujeito dispõe em certo momento.
- A acomodação se refere ao mecanismo complementar em que os esquemas ou estruturas do sujeito devem se ajustar às propriedades e às particularidades do objeto.

- Equilibração é o processo geral em que o indivíduo deve compensar ativamente as perturbações que o meio oferece, ou seja, obstáculos, dificuldades encontradas, resistências do objeto a ser assimilado.

Sobre o desenvolvimento intelectual da criança, Piaget (p.31, 2007), afirma que este provém de "uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menos equilíbrio para um estado de equilíbrio superior". Cada estágio de desenvolvimento constitui, portanto, uma forma particular de equilíbrio e a sequência da evolução mental caracteriza uma equilibração sempre completa.

Piaget e Grécco (2004) apresentam uma distinção entre aprendizagem no sentido estrito e aprendizagem no sentido amplo. No primeiro caso, aprendizagem compreende o conhecimento adquirido por meio da experiência, enquanto que, no sentido amplo, a aprendizagem é um processo adaptativo que vai se desenvolvendo no tempo e que se confunde com o próprio desenvolvimento. Ocorre pela ação da experiência do sujeito e do processo de equilibração.

Nesta última concepção, a aprendizagem não parte do zero, mas de esquemas anteriores. Assim, o conhecimento adquirido por aprendizagem no sentido estrito é o resultado de uma organização dos esquemas que o sujeito adquiriu na aprendizagem no sentido amplo, ou seja, no seu desenvolvimento.

O sucesso da aprendizagem da criança disléxica está baseado em aprender pelo uso de todos os sentidos, fazendo a combinação da visão, audição e o tato.

O professor jamais deve rotular um aluno disléxico como lento ou preguiçoso e nunca compara-lo aos outros alunos da classe. Esse aluno não deve ser forçado a ler em voz alta perante a classe a menos que ele demonstre desejo em fazê-lo. As suas habilidades devem ser julgadas mais em suas respostas orais do que nas escritas. (Solitto, p34. 2008.)

Cabe ao professor em saber diferenciar em qual nível se encontra seu aluno, percebendo a aprendizagem como influenciada por características particular de cada um e, ou do próprio meio em que está inserido (escolar ou não), entretanto, atentando-se para a individualidade de ritmos, comportamentos e percepções. Todavia, só então, poderia se afirmar que a não correspondência aos chamados "padrões de linguagem", seja na leitura, escrita, cálculo, localização, historicidade, seja de fato uma dificuldade de aprendizagem, atualmente confundida como formada por algum déficit. Pode estar se dando uma dificuldade "com" àquele determinado conhecimento, desta forma há dificuldade com a aprendizagem.

O desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dislexia

O desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dislexia, a escola é um dos principais ambientes de desenvolvimento cognitivo e, dessa forma, torna-se responsável por criar estratégias para a aprendizagem e adaptação da criança que apresenta dislexia. A escola é um ambiente que garante a aprendizagem das crianças, ao entrar neste ambiente cria-se uma possibilidade dos pais com relação à aprendizagem de seus filhos, principalmente referente à leitura e escrita, pois este desempenho é visto como essencial para o processo de aprendizagem. Para que aprendizagem aconteça de forma eficaz é fundamental um olhar atento do educador no cotidiano deste indivíduo. Através das observações feitas pelo docente, em relação à aprendizagem ligada à leitura e escrita, a escola poderá alertar os pais e aplicar metodologias que facilite aprendizagem do educando.

A escola, tem com o objetivo de prevenir as dificuldades em aprender dentro da

instituição escolar e possivelmente os possíveis problemas de aprendizagem. Nesta perspectiva a escola tem o papel de auxiliar juntamente com toda a família as crianças com algumas dificuldades de aprendizagens.

As escolas têm dificuldades em promover a aprendizagem de crianças com dificuldades e distúrbios de aprendizagem, desta forma o Psicopedagogo Institucional estará preparado para amparar este tipo de instituição em relação à diversidade dos alunos. (Bergamini, 2014).

Visto que as crianças disléxicas perdem, o interesse pelas práticas educativas, devido à má compreensão dos textos que lêem, e por apresentarem com muitos erros. Para isto os professores que trabalham com a alfabetização e possuem alunos com dislexia, devem tomar bastante cuidados em tratar seu aluno com este distúrbio, com bastante naturalidade.

A dislexia pode ser conceituada como um distúrbio de aprendizagem que compromete o desenvolvimento do indivíduo na área da leitura e escrita, sendo detectado geralmente em indivíduos sadios e com um nível de inteligência normal. Pessoas com dislexia mostram-se criativas tanto na arte como na música, já que tendem a ativar outras áreas do cérebro para compensar as suas dificuldades. Famosos como Albert Einstein, Thomas Edison eram disléxico (Petrossi, 2014).

No campo de compreensão da leitura, quando a criança apresenta lentidão no reconhecimento das palavras, uma das estratégias de ensino-aprendizagem a ser utilizada são as atividades de fluência e velocidade, integração visual, prática de leitura reduzida e leitura silenciosa (Rodrigues; Ciasca, 2016).

Embora as dificuldades de aprendizagem tenham apresentadas pelas crianças no ambiente escolar podem ser resultados desta falta de informações acerca das dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes, apresentam enganos, até mesmo por parte de professores e profissionais da educação.

Acrescentam Smith e Strick (2001, p. 14) que “os especialistas concordam que muitas crianças não estão indo tão bem quanto poderiam na escola em virtude de deficiências que não foram identificadas”.

Sabe-se que não é cabível ao professor diagnosticar os alunos como distúrbios, mas ele é uma figura importantíssima na descoberta das dificuldades apresentadas por seus alunos. Se nessa fase a criança não for acompanhada adequadamente, as ocorrências persistirão e irão permear a fase adulta, com possíveis prejuízos emocionais e consequentemente sociais e profissionais

Cabe à escola contribuir para introduzir o indivíduo no mundo do conhecimento, de forma prazerosa, auxiliando-o na superação de dificuldades de aprendizagem e conflitos. Seu papel é desenvolver as competências e acompanhar o desenvolvimento do educando, contribuindo para a construção de sua autonomia de maneira consciente e autocrítica. Assim, também cabe à escola, na figura do professor, ser o mediador desse processo, fazendo uma análise da criança com dificuldade de aprendizagem, considerando o estado geral da criança em seu dia-a-dia, o contexto familiar em que está inserida e os eventuais problemas familiares que possa estar vivenciando.

Abordar os principais conceitos relativos à dislexia

A dislexia, considerada um dos transtornos mais frequentes e presentes dentro do contexto escolar, que pode, caso não seja percebido e acompanhado, causar o abandono do indivíduo a formação escolar, até mesmo problemas como não aprendizado ou baixa autoestima, necessitando de uma atenção especial (Signor, 2015).

A dislexia pode ser definida, segundo Lanhez e Nico (2002), como um transtorno na fala e leitura, escrita e ortografia, que possui origem neurológica, é hereditário e congênito, podendo ser minimizado com o tratamento. Este distúrbio de aprendizagem, leva a dificuldades, principalmente na leitura. Os primeiros sinais são percebidos pelo professor e pela família, que devem encaminhar a criança ao especialista para que esta receba tratamento adequado.

O termo dislexia é definido pela Associação Brasileira de Dislexia como um transtorno específico de aprendizagem, caracterizado neurobiologicamente pela incapacidade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, bem como na impossibilidade de decodificação e em soletração, podendo se manifestar em diferentes formas e intensidades.

Stein e Reckziegel (2019) explicam que a dislexia é um transtorno geralmente detectado em crianças, a partir dos 7 anos de idade, momento em que iniciam sua vida na leitura e interpretação de palavras. A dislexia percebida apenas na vida adulta, possivelmente foi negligenciada pelos pais e professores do indivíduo. Nesses casos, o transtorno muitas vezes é entendido como sinal de preguiça ou falta de interesse em aprender. Contudo, é preciso entender que a pessoa disléxica possui características físicas normais, não podendo ser considerada deficiente.

Verificar como a dislexia interfere no processo ensino aprendizagem

As crianças não aprendem facilmente por si mesmas. Aprendem reflexivamente porque alguma pessoa as coloca em situação de refletir. Consequentemente, o educador é o ator principal ativo da aprendizagem de seus alunos (Maruny, 2000), ou seja, o educador auxilia os educandos com e sem dificuldade de aprendizagem, na leitura, escrita e trabalhar a partir do pensamento de cada um, considerando, com clareza, o que cada criança tem para aprender, ou seja, realizar atividades que trabalhem tanto com os que já sabem ler e escrever, bem como os outros. E também, comunicar à escola o problema encontrado e os sinais observados, para que todos possam trabalhar para o melhor desenvolvimento da criança. O objetivo do professor não deve ser que todos aprendam igualmente; isso é muito difícil de alcançar.

De acordo com Martins (2013. p 67):

O primeiro fator essencial para o desenvolvimento da capacidade de aprender é motivar os alunos e o próprio aluno querer aprender, ter interesse, atenção, compreensão, participação e expectativa de aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser pessoa. O segundo fator é o desenvolvimento de aptidões cognitivas e procedimentais; aprender métodos e técnicas de estudo para garantir a capacidade de autoaprendizagem. O terceiro fator é a aprendizagem de conhecimentos ou conteúdos, ou seja, a construção de um currículo escolar é fundamental para que o aluno desenvolva sua compreensão do ambiente natural, social e também da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Os professores devem auxiliar as crianças com dificuldades de aprendizagens nas tarefas da escola, fazendo a divisão dos trabalhos longos em pequenas partes, para ajudá-las a rever os conteúdos de ensino; usar enigmas para que elas descrevam o objeto; tomar cuidado com o material escrito: letras claras, uso de desenhos, diagramas e menos uso de palavras escritas. O uso do dicionário deve ser ensinado e, quando possível, ilustrado; bem como o uso de material colorido e grande para o aprendizado da letra.

Uma criança com dificuldades de aprendizagem é uma criança que tem um

desenvolvimento mais lento do que outras, de acordo com Associação Brasileira de Dislexia (ABD), isto é:

Distúrbios neurológicos das habilidades de leitura e de escrita, enquanto apenas um professor a definiu como um distúrbio de leitura que causará um distúrbio de escrita, ou seja, o fato de deparar com alguns desses sintomas não advertir fundamentalmente que a criança seja disléxica; há outros fatores a serem observados.

Por essa razão, não deve-se diagnosticar essa criança como deficiente ou inapta, crianças com dificuldades de aprendizagem podem aprender a ler e escrever com a ajuda do professor, usando técnicas didáticas em um processo significativo de aprendizagem.

Segundo Zorzi (2008), “o disléxico possui peculiaridades em sua maneira de aprender e os profissionais de educação devem estar aptos a reconhecer tais dificuldades e auxiliá-lo ao desenvolvimento da sua aprendizagem”.

Para isso faz-se necessário, que o docente a use uma linguagem, mas clara e direta, falar olhando diretamente para a criança, assim como elaborar estratégia, mas dinâmica e sistemática

Aprender a ler e escrever deve ser avaliado por diferentes ângulos, encarando-se métodos e propostas de ensino num sentido multisensorial, recorrendo a diversos métodos, variações a serem, mesmo, inventadas, se preciso, para alcançar o êxito do aluno disléxico, que é único, dentro de sua dificuldade. Torna-se um grande desafio estruturar experiências que sejam provocativas para a ocorrência de mudanças. (Santos, 1987, p. 44 apud Fernandes; Penna, 2008, p.38).

Em consonâncias com os autores supracitados entende-se que os alunos com dislexia são distribuídos em turmas, junto aos ditos normais, em sua prática os professores devem conhecer as características e possivelmente as necessidades das crianças. Desta maneira, de acordo com as características de seus alunos, serão elaboradas estratégias diversificadas que atendam suas necessidades.

As estratégias que visam a inclusão escolar do aluno com dislexia podem ser divididas em três etapas: A Estimulação, a remediação e a acomodação. Apresentam-se como principais indicadores da dislexia, as dificuldades em decodificar e analisar os fonemas dentro das palavras. (Vieria, 2009).

É responsabilidade essencial do educador ser a ponte entre o saber e o método mais eficaz que conduzirá as crianças à assimilação das estruturas de linguagem e serem capazes de utiliza-las cada dia com mais eficiência. Nesse processo a integralização das famílias é bem relevante, visto ser premente que a instituição escolar e família façam parcerias. Com o objetivo de assimilar o papel escolar e da família perante os desafios da leitura é preciso analisar os métodos dessa atividade tanto no ambiente da escola quanto da família. Para que a instituição escolar forme leitores, é preciso um serviço coletivo com a família em que o educando se insere. Visto que, não adiantará nenhum investimento em programas de leitura, nivelamento e outros, se o educando não possui uma supervisão eficaz de seus familiares. (Oliveira, 2000).

A Inclusão dos alunos com dislexia no ensino regular

É importante que a escola seja um local acolhedor para as crianças com dislexia, pois é no espaço educacional que deve ser proporcionado a inclusão desse aluno para que ele ganhe credibilidade no professor, onde o mesmo deve passar confiança através do seu comportamento,

ter um bom controle emocional ser ético. A inclusão em ambiente escolar é indispensável para o melhor desenvolvimento do disléxico. Pode-se definir como inclusão escolar, de acordo com Gomes e Nogueira (2011), o processo pelo qual todos são acolhidos e atendidos independente de suas diferenças físicas, sociais, culturais e de eventuais dificuldades de aprendizagem.

A escola inclusiva é aquela que está apta a educar cada criança respeitando suas diferenças, que possui a flexibilidade de adequar seus métodos de acordo com as dificuldades e possibilidades de cada aluno, e não uma escola em que ou o aluno se adequa ou é excluído. É uma escola que se preocupa com a permanência de seus alunos, que busca criar situações de aprendizagem significativa para todos.

Mas a realidade das escolas brasileiras é bem diferente da “escola que queremos”, as leis o constroem nossas escolas a recebem todos os alunos, mas não dão a ela a estrutura necessária para receber a todos. Pois incluir não é somente matricular todos os alunos portadores de deficiência em escolas comuns, e ignorar suas peculiaridades, mas é ter suporte necessário à sua ação pedagógica é contar com professores capacitados, estrutura física adequada, apoio pedagógico só assim os alunos serão respeitados e valorizados dentro de sua diversidade.

É importante destacar que as transformações exigidas pela inclusão escolar não são utópicas e que temos meios de efetua-las. Essas mudanças já estão sendo implementadas em alguns sistemas públicos de ensino [...] É certo que os alunos com deficiências constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos sabem que a maioria dos alunos que fracassam na escola são crianças que não vem do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele! (Manton, 2006, p. 1256).

O processo de inclusão, cujo alvo é tornar as escolas inclusivas, é desafiador tanto para a própria escola quanto para pais e educandos, mas é um processo que depois de muita luta estar correndo mesmo que timidamente, ele já é real em algumas escolas e aos poucos se tornam viável em outras. Embora alguns pais e professores o consideram inatingível.

Sassaki (2007) sugere contínuos esclarecimentos públicos, aos alunos, familiares e professores das escolas comuns e especiais são, as autoridades. As escolas devem se organizar buscar diminuir ou mesmo remover os empecilhos que impossibilitam a aprendizagem dos alunos portadores de deficiência, uma vez que estes carecem de apoio diferenciado dos que estão disponíveis comumente na educação escolar. É necessário refletir sobre duas formas de exclusão: a que impede os alunos com deficiência de frequentarem a escola comum e os obriga a ingressar em escolas especiais, privando-o de conviver com outras crianças, e a que “expulsar” as que ingressam porém não conseguem permanecer sendo justificada de que nessas escolas não existem condições humanas, físicas, financeira ou pedagógica de atendê-los.

Outra grande realidade são os alunos que apresentam distribuído de aprendizagem, mas não são deficientes, e que também são excluídos, rotulados e encaminhados para a educação especial, aos que podem ser referidos como referidos como deficientes circunstanciais. (Manton, 2006).

Cada aluno possui suas particularidades, portadores de deficiência ou não, todos necessitam de alguns tipos de apoio aqui ou ali, em certas “afazeres” da vida infantil até a juventude. Cabe aos professores e administradores da escola distinguirem claramente tais necessidades, para um melhor atendimento. Alguns professores reclamam e se sentem desprezados para lidar com dificuldades de aprendizagem, e com portadores de deficiência, pois embora nos cursos atuais de habilitação para formação de professores em sua grade curricular com disciplina direcionando à educação especial, isso ainda é muito pouco. Resta aos professores “acordar”, usar sua criatividade, modificar sua metodologia tornando suas aulas atrativas e contextualizadas. É uma das formas de fazer isso e respeitando o ser criança, através, por

exemplo do uso de brincadeiras e jogos educativos.

Moyles (2003, P. 57) Explica:

Devemos oferecer uma variedade de informações e situações e inovações dentro da sala de aula, que permitam diferentes oportunidades para diferentes crianças, e mais importante, temos que assegurar que cada criança tenha a oportunidade de explorar adequadamente um novo meio ou situação e isso significa explorar as experiências com palavras, assim como por meio do criativo do brincar ativo.

Constata-se assim que na escola que buscamos a “inclusiva” o brincar não pode ou pelo menos não deve ser excluído do currículo, pois funciona como um unificador, pois através de seu uso ou durante o brincar todos são iguais como ressalta Moyles (2003) que apresenta uma visão de brincar, relacionada mais aos aspectos educativos. A autora entende esta atividade como um processo que suas capacidades para interagir socialmente com outras crianças ou com os adultos.

O papel do professor é fundamental no auxílio ao diagnóstico da dislexia, já que este não é tão simples quanto parece. Segundo Farrell (2008) o dislético apresenta dificuldades na leitura, na ortografia e na escrita, podendo estar presentes de maneira isolada ou em conjunto. Deste modo, o aluno pode apresentar exclusivamente dificuldade na leitura, ou na ortografia, ou na escrita, assim como, pode apresentar dificuldades em todas elas ao mesmo tempo.

Outras estratégias de intervenção pedagógica podem ser utilizadas na abordagem ao aluno dislético, a depender da necessidade oferecida. A técnica psicopedagógica do Psicodrama consiste em um teatro espontâneo, através da representação de uma peça teatral sem texto prévio, onde a representação surge a partir de um tema, com a finalidade de revelar sentimentos ocultos, além de auxiliar o indivíduo na compreensão e superação de suas dificuldades (MELQUIADES, 2018). Na técnica psicopedagógica da caixa de areia, o aluno cria cenas tridimensionais em uma caixa de tamanho apropriado que permite o uso de areia, água e miniaturas de seres e objetos do contexto sociocultural do aluno, com o intuito de se desenvolver os aspectos afetivos e cognitivos (Melquiades, 2018).

Entende-se, então, que o diagnóstico é parte fundamental e instrumento essencial para o trabalho do psicopedagogo, principalmente quando atua em ambientes escolares. Contudo, o profissional que atua para minimizar os problemas de aprendizagem podem contribuir de forma significativa para o sucesso escolar.

É necessário que a relação entre todos os envolvidos seja de troca de informação para que o psicopedagogo chegue a um diagnóstico concreto, sendo que este pode mudar conforme a especificidade do caso, desse modo Weiss (2004) ressalta que:

O diagnóstico psicopedagógico é composto de vários momentos que temporal e espacialmente tomam dimensões diferentes conforme a necessidade de cada caso. Assim, há momentos de anamnese só com os pais, de compreensão das relações familiares em sessão com toda a família presente, de avaliação da produção pedagógica e de vínculos com objetos de aprendizagem escolar, busca da construção e funcionamento das estruturas cognitivas (diagnóstico operatório), desempenho em testes de inteligência e visomotores, análise de aspectos emocionais por meio de testes expressivos, sessões de brincar e criar. Tudo isso pode ser estruturado numa sequência diagnóstica estabelecida a partir dos primeiros contatos com o caso (Weiss, 2004, p.35).

Para que o trabalho do psicopedagogo seja eficiente, ele deve ter uma visão ampla do problema, devendo realizar uma escuta ativa para um resultado significativo. A escola precisa desse profissional na escola. Além de ser uma ferramenta de apoio, esse profissional pode contribuir diretamente com o trabalho dos professores, com o desenvolvimento dos alunos e com

a realização dessas crianças nos diversos espaços que frequenta.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada foi uma pesquisa bibliográfica que compreende leitura, pesquisa, análise e interpretação de livros, desta temática, por meio da qual foram obtidas informações teóricas em livros de autores renomados na área, assim como em artigos e textos publicados na internet e em outros tipos de publicação.

Foram analisados os artigos completos, publicados no Brasil, através da realização de buscas sistemáticas em bases de dados eletrônicos *Google Acadêmico*, Periódicos *CAPES* e *SCIELO*. Utilizar-se-á as seguintes palavras chaves: aprendizagem, dislexia e transtorno. Após o acesso às fontes far-se-á a leitura de todo o material, compilando-se as informações principais, em categorias. Em seguida, realizou-se de forma descritiva uma análise dos referidos materiais, principalmente os artigos, autores, ano de publicação revista de publicação e local de publicação, visando estabelecer uma compreensão e ampliação do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Nesta pesquisa foram analisados alguns artigos sobre a dificuldade de aprendizagem e suas intervenções para alunos com dislexia de acordo com a literatura pesquisada, ao analisar artigo pode-se constatar que a todos os artigos foram ponderados primeiramente, por meio da leitura dos títulos e selecionados com base no objetivo e pergunta norteadora desta revisão. Foi realizada a leitura dos resumos, e entre os estudos selecionados após este processo, serão lidos os artigos completos, e destes, escolhidos os estudos elegíveis para análise.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa compreende-se que para que possa ter num futuro próximo escolas inclusivas precisamos garantir, de fato, a todas as crianças, particularmente àquelas com necessidades especiais tenha acesso e permanência nos espaços escolares que incluem e recebe a todos, que articula a convivência tolerante com as diferenças.

A escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família. É um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada da criança, por meio de atividades em grupo, de forma que capacite o relacionamento e participação ativa destas, caracterizando em cada criança o sentimento de sentir-se um ser social.

O rendimento escolar insatisfatório, em especial, de um grande número de alunos nos primeiros anos, tem sido uma preocupação e um dos grandes desafios para os educadores. Em especial no caso de escolas públicas, no Brasil um grande, número de alunos tem apresentado dificuldades de diferentes tipos e rendimento insatisfatório em relação a padrões definidos pela escola.

As escolas devem buscar formas de prevenção nas propostas de trabalho, preparar os professores para entenderem seus alunos, diferenciar um a um, respeitar o ritmo de cada um. A escola deve ser um ambiente onde as crianças possam sentir-se bem, amadas e sempre alegres.

Em determinadas situações as dificuldades de aprendizagem são decorrentes de metodologia inadequada, professores desmotivados e cansados, entre outras. O papel do professor se restringe em observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais motivadas e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

É fundamental buscar conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem e sobre a dislexia para prestar atendimento ao aluno disléxico, tendo em vista que dessa forma o seu aprendizado seja bem sucedido por profissionais capacitados na área da educação e com o apoio

familiar.

O professor precisa desenvolver ações pedagógicas para que os alunos disléxicos aprimorem seu desenvolvimento educacional e pessoal. É essencial utilizar estratégias para que esses alunos consigam compreender o conteúdo através de jogos, materiais que estimulem o seu interesse.

De maneira geral, espera-se que o resultado desta pesquisa apresente de forma suscite discussão, debate e um novo olhar sobre o tema, portanto, que este estudo possa oferecer oportunidades de maiores esclarecimentos a respeito da dislexia, que não é uma doença e sim distúrbio de aprendizagem, de cunho hereditário, passível de intervenções metodológicas, que visa contribuir de maneira reflexiva sobre a prática pedagógica do educador, do papel dos pais, da escola, psicopedagogo e equipe multidisciplinar, o contexto escolar e do respeito para com a diversidade em sala de aula e vida social.

Enfim, ao se trabalhar com alunos com dislexia há várias formas, metodologias e estratégias próprias para serem utilizadas com este distúrbio específico da leitura e da escrita é fundamental saber que a dislexia não é uma doença, mas um distúrbio.

REFERÊNCIAS

ABDA – **Associação Brasileira de Déficit de Atenção**(<http://www.tdah.org.br/>). Acesso em 17 de Novembro de 2023.

BERGAMINI, Tamirisdi Donato. **O papel do psicopedagogo, suas intervenções e estratégias em alunos com dislexia**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2014.

CESÁRIO, Priscila Menarin. **Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori? Uma análise a partir de suas obras educacionais**. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas. São Carlos, 2007.

COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação. Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.

FARRELL, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor**. Tradução Mari Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008. 104 p.

FERNANDES, Rosely Aparecida; PENNA, James dos Santos. **Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos**. Terceiro Setor, Guarulhos, v. 2, n. 1, p.29- 49, 2008.

GOMES, Rilda Antônia; NOGUEIRA, Cleia Alves. **Inclusão do estudante disléxico no contexto escolar**. 2011.

GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. Crianças Rotuladas. **O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LANHEZ, Maria Eugênia, NICO, Maria Ângela. Nem Sempre é o Que Parece. **Como**

Enfrentar a Dislexia e os Fracassos Escolares. 2 ed.; Ed. Alegro. São Paulo. 2002

MARUNY Curto, Luís. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensina-las a escrever e a ler/** Luís Maruny Curto < Maríbel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teicidó; tradução Ernani Rosa.- Porto Alegre: Artmed, 2000.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon, 2006.

MELQUÍADES, P. M. T.; ALVES, M. G. O.; SILVA, N. M. G.; MAMEDES, R. F. **Psicopedagogia e os principais distúrbios de aprendizagem: dislexia, disortografia, disgrafia e discalculia.** III CINTEDI, Editora Realize. 2018.

MOYLES, J. A pedagogia do brincar. **Revista Pátio Educação Infantil**, ano VII, n. 21, nov. –dez. 2003.

OLIVEIRA, Ana Paula Dozza de. **A dislexia fator implicador na aprendizagem da linguagem na visão dos professores.** 2000.

PETROSSI, Eduardo. **O que é dislexia?** 2004.

PIAGET, Jean. (2007). **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio

PIAGET J, GRÉCCO P. **Aprendizagem e conhecimento.** Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos; 2004.

RODRIGUES, Sônia; CIASCA, Sylvia. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista de Psicopedagogia**, v. 33, n. 100. São Paulo, 2016.

SILVA, N; SILVA, F. A dislexia e a dificuldade na aprendizagem. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 05, n. 01, 2016.

SCOZ Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes; 2002.

SOLITTO, Rosemary Helena Chagas. **Avaliação Escolar para os Alunos Disléxicos.** 2008. Trabalho Científico de Conclusão de Curso. Centro de Referência de Distúrbio de Aprendizagem. São Paulo.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z ?** um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil.** São Paulo: Contexto, 2009.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

ZORZI, Jaime. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem: dislexia e outros distúrbios**. SP: Editora Melo, 2008.